

## Do feminismo ao transfeminismo: questões ontopolíticas

*Fabio Pezzi Parode*<sup>1</sup>

*Maximiliano Oscar Zapata*<sup>2</sup>

*Nythamar de Oliveira*<sup>3</sup>

### Introdução

O Brasil é um país de grandes contrastes, marcado pelas desigualdades, sejam elas de cunho social, econômica, de raça/etnia ou de gênero/sexo. Nesse artigo, nosso foco são as dinâmicas identitárias de gênero e suas manifestações no campo cultural através das mídias. Buscamos identificar e distinguir os tensosamentos acerca do gênero no escopo da cultura brasileira, para isso, realizamos uma leitura semiótica de capas de revista e buscamos referências no audiovisual da cultura funk brasileira. Dessa forma, buscou-se problematizar o discurso de gênero expresso na produção da cultura funk e pop brasileiro. O propósito deste artigo é cartografar a partir de uma pesquisa exploratória sobre gênero, cultura e estética, as construções semióticas e discursivas na mídia, em torno das modalidades de gênero construídas socialmente. Questiona-se no horizonte o *ser mulher* na sociedade brasileira, buscando identificar quais seriam os parâmetros e dimensões ontopolíticas dos corpos femininos, tendo como fundamento estudos pós-estruturalistas

---

<sup>1</sup> PPGCOM - UFC

<sup>2</sup> PPG FILOSOFIA- PUCRS

<sup>3</sup> PPG FILOSOFIA- PUCRS

baseados especialmente em Deleuze, Foucault, Guattari e Rolnik. Dessa forma, busca-se resgatar no nível teórico o papel político e ativo da mulher, ampliando o quadro do empoderamento feminino através da complementaridade mulher-trans. O feminismo contemporâneo é marcado pela pluralidade, por tensionamentos e disputas teóricas internas. Destaca-se no escopo dessa problemática, os estudos de Butler sobre gênero e multiplicidade e de Guattari sobre produção de subjetividade e ontopolítica em relação a gênero e minorias.

Para Guattari (2014), ao antagonismo das lutas de classes, se soma o da relação homem-mulher, que transversalmente permeia as lutas de grupos como os LGBTQ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis Transexuais, Transgêneros e Queer), afrodescendentes e indígenas. Para o pensador francês, a condição feminina não apresenta melhoras e nada tem a invejar aos “piores períodos do Século XIX” (GUATTARI, Félix. 2014, p. 13).

A (re)implementação do modelo neoliberal a partir do ano 2016 no Brasil, amplia certos tensionamentos políticos, produzindo mudanças na estrutura social do país. Nesse período ficou mais evidente o deslocamento da mulher em relação ao poder institucional: “uma mulher na presidência da república o sobrecarrega com o peso, inconsciente ou subconsciente, do milenar predomínio patriarcal e da forma masculina de agir” (ALBORNOZ, Suzana. 2017, p. 388).

A partir de Guattari (2014), consideramos que o molar, no caso brasileiro, está composto pela hegemonia do patriarcado, pela subjetividade masculinista. Este regime falocêntrico resulta da produção capitalística local (daqueles que detém o poder do capital e instituem normas) e é, conseqüentemente, o cerne da estrutura das oposições no nível sexual. O molecular, por sua vez, opera no seio dessa produção como resposta, reação e anti-produção, revolução molecular, expressão dos “*devires-minoritários*” (CARDOZO, Hélio, 2012, p.163).

O molar e o molecular, na perspectiva de Guattari (2014), nos permite identificar as cristalizações do poder e das oposições de gênero nos discursos, nas produções culturais e também, no

design de moda. Incluímos o design de moda nessa reflexão por se tratar do sistema através do qual os indivíduos se expressam seja diretamente com o vestuário e com os acessórios, ou de forma mais ampla com outros artefatos do sistema de consumo e representação simbólica. Seria portanto, através do design de moda, vestuário e acessórios, maquiagem e perucas, que a produção material, diretamente composta e semiotizada com o corpo, se configura como linguagem, transfigurando e acessando a expressão ontológica de uma dada subjetividade.

O design de moda proporciona através da linguagem simbólica um lugar para a expressão e comunicação dos fluxos desejantes dos corpos inseridos nos padrões sociais. De fato, com as atuais reformas impostas pelo governo instituído, a partir de 2016, minorias LGBTQ, mulheres, negros e indígenas perderam no corpo institucional seus lugares de representação. Esta problemática foi tratada no ensaio de Zapata e Parode (2017): *Ontologia do design de moda: Édipo e Anti-édipo, entre McQueen e Farani*, onde os autores analisaram, em torno do processo de *impeachment* ocorrido em 2016, o deslocamento no jogo do poder da imagem do feminino no social a partir de duas peças de indumentária. Considerou-se no ensaio um contraponto de expressão pela indumentária, revelando um lugar imaginário da mulher no jogo de poder, o que para Guattari e Rolnik (2007), remete-nos ao *devir-mulher* (GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. 2007, p. 85). Por outro lado, identificamos também naquele ensaio que a primeira dama daquele período histórico entre 2016 e 2018, representa uma mulher subjugada à condição de *inferioridade* e que se desliga do jogo de poder, exprimindo no limite, aquilo que Guattari define como um “*devir-vegetal*” (GUATTARI, Félix. 1981, p. 35). Como dizem Deleuze e Guattari (1997), o *devir*, “é processo de desejo [...] ele indica o mais rigorosamente possível uma zona de vizinhança [...]” (DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 1997, p. 64), e é nessa zona fronteira que o *devir-mulher* serve como referência e desempenha um papel “de mediador frente a outros devires sexuais” (GUATTARI, Félix, 1981, p. 35). No caso da drag-queen

“vemos um homem em *devir-drag*” (ZAPATA, Maximiliano, De OLIVEIRA, Nythamar, 2017, p.88), seguindo portanto um *devir-mulher*, ou em termos de desejo, uma “unidade de subversão desejante [...] com objetivos de luta” (GUATTARI, Félix. 1981, p.17).

Estruturalmente, o presente artigo divide-se em três blocos temáticos: o primeiro, explicita o debate em torno dos *devires-minoritários*. Trata-se neste bloco de como as políticas de desejo desenvolvem estratégias discursivas e afetam os corpos sexuados, ou, *devires-sexuados*.

O segundo bloco temático possui o objetivo de travar o debate entre o feminismo e o transfeminismo. Faremos um paralelo, entre uma análise das categorias ontológicas, desde uma perspectiva deleuze-guattariana, das produções culturais do funk brasileiro (especialmente no vídeo: *Vai Malandra*, 2017), que exprimam o sentido do *empoderamento feminino (devir-mulher)*, para servir de contraponto às produções do pop brasileiro, onde se semiotizam uma *Visibilidade trans/queer por associação, (devir-drag)* (explicitada no vídeo clipe: *Na sua Cara*, 2017).

Já o terceiro bloco temático, diz respeito a um análise discursiva de uma seleção de capas de revista de circulação nacional: *Marie Claire Brasil, Época e Rolling Stone Brasil*, trazendo o debate das drag-queens. O teórico-queer de base para a reflexão empreendida é Michel Foucault, permitindo-nos definir algumas categorias para as análises: a) inclusão (em relação ao campo do feminino); b) instituição (questões políticas e papel da mídia como agente legitimador); c) estereótipo (forma do corpo feminino ideal).

Finalmente partiremos às considerações finais, que não são conclusivas, uma vez que este artigo é resultado de pesquisa em andamento, mas busca, desde já, questionar e provocar reflexões que possam agregar novas percepções ao debate sobre feminismo e transfeminismo.

## 1. Devires-minoritários: a função do devir-mulher

Para Rolnik (1985), na filosofia deleuze-guattariana vemos a construção de uma “teoria do desejo”. Na perspectiva psicanalítica o desejo é tido como falta, porém, para Deleuze e Guattari, fundamentados em Espinoza, o desejo não é falta, mas sim potência. A filósofa estadunidense Judith Butler (2017), ao analisar a ordem compulsória sexo/gênero/desejo, salienta que na tradição filosófica que é iniciada em Platão e continua em Descartes, Husserl e Sartre, “a distinção ontológica entre o corpo e alma (consciência, mente) sustenta, invariavelmente, relações de subordinação e hierarquias políticas e psíquicas” (BUTLER, Judith, 2017, p. 35).

Em Guattari (2007) trata-se de processo de *produção desejante*, diga-se, uma *proliferação desejante*. isto é, uma “concepção de desejo no campo social”. Já Rolnik (1985), explicita que na teoria do desejo, temos que observar a dimensão *esquizo*, - a singularidade - ou, numa perspectiva do gênero, o *queer*. Essa perspectiva nos leva a conceber o *queer* como potência, força de *matilha*, ou o componente de um conjunto de devires que se aliaram. Em suma, o que se analisa, é uma constelação de fluxos sociais, materiais e de signos do desejo: “Análise de um devir” (ROLNIK, Suely 1985, p. 8); ou, num plano coletivo, *devires-minoritários*, e “pontos de resistência e linhas de fuga” (CARDOSO, Hélio, 2012, p. 162).

Para Guattari (1981), o “*devir-corpo-feminino*”, não deve ser vinculado exclusivamente à categoria de mulher. Essa categoria, para ele, somente existe para fixar uma ordem de oposição de classe no campo social, pois para o pensador: “não há mulher em si!” (GUATTARI, Félix, 1981, p. 36). O *devir-mulher*, segundo ele, cristaliza o poder feminino na disputa política. A resistência ao discurso hegemônico do modelo do patriarcado: uma resposta à *produção de desejo masculinista*, e que serve de referência às lutas de outros *devires-minoritários*: afros, crianças, LGBTQ, indígenas, animais, minerais.

A luta das mulheres, isto é, o feminismo, não só expõe o problema do reconhecimento das mulheres mas também a luta pela inclusão das transexuais. O feminismo, é portador de um “dever feminino que diz respeito não só a todos os homens e às crianças mas, no fundo, a todas as engrenagens da sociedade” (GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely, 2007, p. 85). O feminismo opera de maneira a questionar, ou, desmascarar o modelo de produção capitalística patriarcal, isto é, um estranhamento das relações sociais que impõem *códigos de desejo*, expectativas de gênero em torno de uma subjetividade masculinista e heteronormativa.

Para Butler (2017), atualmente temos a oportunidade de pensar a construção de um sujeito do feminismo: “parece necessário repensar radicalmente as construções ontológicas de identidade na prática feminista, de modo a formular uma política representacional capaz de renovar o feminismo em outros termos” (BUTLER, Judith, 2017, p. 24).

Assim, a partir destas considerações acerca do devir e do desejo, seguiremos para o debate sobre o empoderamento feminino no funk brasileiro.

## **2. Empoderamento feminino no funk brasileiro**

Após a mudança de governo em 2016, a proliferação de um discurso masculinista fica cristalizada na primeira composição ministerial. A figura da mulher no comando foi deslocada para uma posição subalterna e submissa. A primeira dama daquele período de transição entre 2016 e 2018 exprime o sentido daquilo que Guattari (2014) chama de *devir-vegetal*, isto é, a perda do seu lugar no jogo político, da potência do ser mulher. O que passa a imperar nos discursos institucionais é a imposição de uma estética da “*bela, recada e do lar*” (PARODE, Fábio; ZAPATA, Maximiliano, 2017, p 945).

Os estudos de ontologia do design de moda, pela sua relação com o corpo e cultura, evidenciam como o sistema de produção capitalística apresenta registros de formas e padrões, para serem

reproduzidos, consumidos e consumados. Para Guattari e Rolnik, (2007), a produção capitalista é homogeneizadora, modula as energias do corpo, no sentido da sua liberação ou seu enclausuramento: “é a produção de subjetividade capitalística que tende a individualizar o desejo” (GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely, 2007, p. 281). Trata-se de um jogo de intensidades e velocidades, onde o molar, isto é, a subjetividade patriarcal atua como dimensão opressora dos *devires-minoritários*.

O vídeo *Vai Malandra* (2017) da funkeira carioca Anitta, nos permite questionar o lugar do feminino na sociedade brasileira e ainda, cartografar sentidos que indicam *associações entre os devires* minoritários das mulheres-trans. Partimos do pressuposto que a produção audiovisual de Anitta exprime o sentido de *devir-mulher*. Em primeiro lugar por ela marcar sua origem como mulher da favela, e por meio do funk, questionar o lugar da mulher na sociedade brasileira, para além do corpo, tornando-se sujeito, isto é, ter construído e consolidado um lugar legítimo de cantora de padrão internacional através do funk. Em segundo lugar, a cantora é reconhecida pelas estratégias de inclusão de diversos padrões de mulheres nos seus vídeos, bem como parcerias que dão visibilidade aos afros, drag's, obesos e portadores de deficiência física. Enfim, lançando no cenário cultural brasileiro, personalidades que venham a questionar padrões hegemônicos de consumo.

Funk enquanto gênero musical é uma resposta ao padrão de consumo elitista, exprime o sentido da cultura da favela. O funk brasileiro, surgiu nas periferias do Rio de Janeiro nos anos 80, porém foi nacionalizado, isto é, recebeu a legitimação da mídia como um estilo musical, embora associado à uma estética do mal gosto até os anos 2000. A partir desse momento é que: “casas noturnas de classe média, academias, novelas da Rede Globo começam a tocar esse tipo de música” (De SÁ, Simone, 2007, p.12).

Quebrando a hegemonia dos funkeiros homens, surge Anitta, transitando nas vertentes do funk em torno da sua produção. Essa questão fica evidente na sua música de primeiro

sucesso: *o show das poderosas* (2013)<sup>4</sup>, onde o funk é *melody*. Junto à cantora drag Pablllo Vittar, ela explora o *funk pop*. Esta dimensão será desenvolvida no terceiro bloco deste artigo. Por fim, temos o caso do vídeo que analisaremos: *Vai Malandra* (2017)<sup>5</sup> onde a cantora exprime uma estética da favela, erotizando os corpos, um mix *funk pancadão e proibidão*.

A nossa escolha recai sobre Anitta, tendo em vista que ela produz um corte na hegemonia dos homens no funk. Assim, partiremos para um análise de uma imagem que seja representativa da subjetividade do funk, e que explore a estética da favela, e que ao mesmo tempo, seja capaz de suportar uma análise ontológica, dos conceitos desenvolvidos na introdução.

IMAGEM 1: Imagem 1, elenco feminino do vídeo: *Vai malandra*.(2017),



Fonte: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/zoeira/coluna/zunzunzum-1.165/zunzunzum-anitta-um-pouco-de-malandragem-1.1867380>

Anitta, *Larissa de Macedo Machado*, nascida em 30 de março de 1993 no Rio de Janeiro, foi criada na periferia do Rio, no bairro Honório Gurgel. Ela se reconhece como “favelada” (LLACQUA, Angélica, 2017, p.84). É dentro de uma favela que o vídeo *Vai*

<sup>4</sup> <<https://www.youtube.com/watch?v=FGViL3CYRwg>> , acesso 18.01.2018

<sup>5</sup> <[https://www.youtube.com/watch?v=kDhptBT\\_-VI](https://www.youtube.com/watch?v=kDhptBT_-VI)> , acesso 18.01.2018

*malandra* acontece. E particularmente na imagem acima encontra-se o elenco feminino. Uma pluralidade de mulheres: algumas não binárias, negras, plus size, travestis, drag, latinas, caucasianas, heterossexuais, enfim, nesta imagem vemos, *o devir-mulher*, em Anitta. Esta imagem sugere uma forma de propor um debate acerca da padronização do corpo feminino. O *devir-mulher em Anitta*, nos serve de referência para outros corpos sexuados, como no caso das drag e travestis, ou, numa perspectiva guattariana, *um devir-drag*, *devir-travesti*, no que diz respeito à visibilidade obtida através da interação, da convivência, explicitada no presente vídeo.

## 2.1 Visibilidade trans/queer por associação

Ainda no debate acerca da associação dos devires, temos o caso de Anitta e a Cantora Pablo Vittar, *Phabullo Rodrigues da Silva*, 24 anos, nascido no Maranhão. No vídeo, *Na sua cara* (2017), gravado no Marrocos, as cantoras junto ao grupo musical *Major Lazer*, através de uma linguagem internacional, se opõem a uma estética da *Bela, Recada e do Lar*, ao cantarem, *Linda, leve e solta*. É uma produção desejanste que diz respeito a um *devir-mulher*, em plena reivindicação e que se associa a um *devir-drag*. Neste momento, juntamente com o pensamento de Butler, fica evidente, novas formas de pensar as categorias ontológicas até agora debatidas neste artigo. Elas dizem respeito a uma pluralidade de sentido para com a categoria do feminino. Pois, como diz Guattari (1981), essa categoria só existe para estabelecer uma ordem. Essa categoria nunca existiu como fixa, única, embora a tendência da produção capitalística seja o de padronizar, tanto o desejo, quando a plasticidade do corpo. Corpos múltiplos e diversidade que permeia o cenário cultural brasileiro. O que Guattari, Rolnik e Butler possuem em comum, diga-se, a zona fronteira, é a desconstrução da categoria da mulher como eixo molar ou definidor da dualidade homem-mulher de uma ordem social que constroem os corpos. A mulher, incluindo mulheres-trans, é um devir, um processo, *um devir-mulher*. Por outro lado,

*Problemas de gênero*, amadurece o trabalho de “Foucault em relação às teorias feministas de gênero, a fim de expor e de investigar os modelos naturalizados e normativos de gênero e heterossexualidade” (SPARGO, Tamsin, 2017, pp.41-42). Esta pesquisa seguiu a metodologia cartográfica em torno da discussão do gênero, analisando produções de cultura, em outras palavras, formações discursivas no que diz respeito ao jogo de poder no âmbito da representatividade política. Ao final, esta pesquisa buscou questionar o que é ser mulher, quais parâmetros de um corpo ideal? O primeiro questionamento só pode ser respondido de forma não conclusiva, o ser mulher é uma pluralidade, uma construção, assim como podemos ver na imagem 1, diversidade de padrões, orientações sexuais, identidades sexuais, enfim, o que *Vai Malandra* cristaliza, na nossa concepção, é o empoderamento feminino. Para responder ao segundo questionamento norteador deste artigo, é que introduziremos a metodologia foucautiana de análise discursiva em uma seleção de capas de revistas de circulação nacional que trazem o debate da visibilidade trans e de pessoas queer.

### 3. Visibilidade drag: os sentidos das capas

A cantora Pablo Vittar figura na capa da revista Marie Claire (novembro de 2017), juntamente com outras duas cantoras, Gal Costa e Iza. A matéria de capa trata da questão *qual o corpo ideal de mulher...* respondendo: *o corpo ideal é o seu*. De forma a ampliar o escopo dessa discussão, a revista coloca o corpo de uma drag como corpo também ideal de mulher, e surge então alguns postulados que materializam uma certa *ordem discursiva* (FOUCAULT, 1999): a inclusão como sendo o primeiro elemento a ser observado, diga-se, o campo do feminino abrindo-se às diferenças de gênero, abrangendo não apenas as mulheres trans, mas também as drags. Um segundo ponto a ser observado é o papel da mídia como instrumento na luta política pela igualdade e direito de cidadania. Marie Claire enquanto instituição cuja principal tecnologia é a escrita e o discurso visual,

através de conteúdos e narrativas, lança seu olhar sobre a questão das materialidades do feminino. Como terceiro e último aspecto a ser observado no escopo desse artigo, vislumbramos a discussão em torno do estereótipo do corpo feminino, ou seja, qual a forma ideal?

Imagem 2, Pablo Vittar, Iza e Gal Costa,



Fonte: <https://revistamarieclaire.globo.com/Beleza/noticia/2017/10/contei-para-minha-mae-que-era-gay-aos-15-e-nem-surpresa-ela-ficou-conta-pablo-vittar.html> Acesso 25/11/2017

Nosso foco é propriamente o campo de legitimação do feminino. Afinal o que é ser mulher na sociedade brasileira? Uma análise ontológica nos permite levantar questionamentos acerca da condição imanente do *ser*, o que nos leva a ampliar a percepção do fenômeno Vittar, não pelo viés psicológico ou biológico, mas, principalmente pelo viés estético-filosófico, onde a percepção do dever no corpo de Vittar encontra *planos de consistência* (DELEUZE, 1995) visivelmente femininos, seja na ordem da expressão drag, seja através de sua inserção midiática no campo social como corpo feminino *ideal*.

As capas de revista, pelo poder da visibilidade da imagem, legitimam um discurso, apresentando-o para a sociedade como resultado de uma seleção, recorte proposto pela editoria, cujo objetivo para além do conteúdo comunicacional, é também de produção de subjetividade, interagindo com o imaginário coletivo, reconfigurando valores e crenças. No caso de uma capa de revista, do porte de Marie Claire (Editora Globo), dirigida especialmente para o público feminino, cabe-nos indagar se o objetivo seria

apenas comercial para vendas de produtos femininos, ou haveria ali propósitos vanguardistas que remetam no limite, a projetos civilizatórios de inclusão e acolhimento das diferenças? Sabidamente o Brasil é um dos países mais homofóbicos do planeta, tendo índices de assassinatos da ordem de um gay a cada 27 horas segundo a Associação Grupo Gay da Bahia em seu relatório de 2014<sup>6</sup>. Se os projetos de lei contra a homofobia esbarram no Congresso Nacional devido a ação de bancadas conservadoras como a Evangélica, por exemplo, outras ações podem ser percebidas no âmbito da sociedade civil, incluindo o discurso de algumas mídias. Na luta política contra a homofobia, grandes corporações vem abrindo seu espaço para a inclusão de gays e transsexuais, como é o caso da Rede Globo, quando convidou Pablo Vittar em 2016 para fazer parte do programa Amor e Sexo, junto com a apresentadora Fernanda Lima.

A percepção do feminino em Pablo Vittar poderia ser reduzida a expressão de gênero, na medida em que o feminino assume lugar preponderante quando o mesmo cria sua personagem drag, contando para isso, com o design de moda. Por outro lado, questionamos aqui o que é ser mulher, e com isso, exploramos o feminino como dimensão ontopolítica e dessa forma, uma ordem do feminino que está presente mesmo fora do espaço drag de Vittar. Contudo, a ambiguidade entre masculino e feminino apresenta-se legitimada e confirmada pelo próprio Vittar quando deixa em aberto em suas entrevistas que tanto faz ser abordado pelo pronome masculino ou feminino. Algumas mídias de fato reproduzem essa ambiguidade, deixando explícito o limite tradicional entre o masculino e o feminino. Talvez uma postura mais avançada seria o de reconhecer aquele corpo como do universo feminino e portanto, no nível do discurso corresponder a essa dimensão.

---

<sup>6</sup> <<https://grupogaydabahia.com.br/2015/01/13/assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-2014/>>  
Acesso: 25.03.2018.

A revista *Época* (Editora Globo), em sua edição 1024 de fevereiro de 2018, ilustra sua capa com a imagem de Pablo Vittar e coloca como chamada *Os reis do carnaval: na onda de Pablo Vittar, como o pop das drags engoliu o axé no Carnaval*. No corpo da matéria os jornalistas Luis Lima e Nina Finco escrevem no título: *Eles são as novas divas do carnaval*. A tônica da revista é o processo de eclosão de um novo ritmo e estética, porém nos espaços do *não dito* (FOUCAULT, 1999) a revista evidencia em seu discurso a natureza masculina de indivíduos que se assumem drags. Explicita-se com essa ambiguidade um campo político ainda em formação, cujo discurso da revista reflete certa imaturidade ou talvez de forma consciente a demarcação de limites entre masculino e feminino, contrariando nossa tese de *campo do feminino como espaço fluido*. Talvez se possa considerar que o feminino é tão somente uma dimensão, onde cabem inúmeras expressões, dentre as quais mulheres-trans e drags. Quais seriam então os limites do ser mulher?

Imagem 3: capa da revista *Época*, Fevereiro de 2018.



Fonte: <http://midiafest.com/midiafest/axe-e-engolido-pelo-ritmo-de-pablo-vittar-diz-revista-epoca/>  
Acesso 15/02/2018

Pablo Vittar, sobretudo como exemplo e ilustração de um grupo de indivíduos cuja identidade é não binária, nos permite questionar e observar a construção na mídia de um modelo, de um

estereótipo do feminino que no espaço modular das drags poderia ser categorizado talvez, como drag-barbie. Retomando a revista Marie Claire sobre o questionamento de fundo quanto ao ideal de beleza, identificamos na imagem de Vittar na capa desta revista uma linha de expressão que poderia ser identificada com um padrão de beleza que diverge do conceito tradicional de drag, mais identificados com formas mais caricatas do feminino, intensificando nos adornos e indumentária criando uma imagem extravagante e burlesca. O filme australiano Priscila a rainha do deserto, de 1994, dirigido por Stephan Elliott, é emblemático no que diz respeito a estética das drags. Contudo, Vittar foge dessa linha de expressão no contexto das drags, aproximando-se talvez, de uma estética mais identificada com o universo travesti, mais feminino e menos caricato, mais próximo talvez de Barbarela. É nesse sentido, por sua imagem mais próxima do belo comercial, tal como a beleza de uma Barbie, que Vittar, para além de sua voz, vem conquistando espaço e notoriedade. A drag quem Pablo Vittar tem uma beleza com apelos comerciais capaz de estimular o consumo e talvez a construção de sua marca contemporaneamente utilize-se desse encantamento midiático capaz de seduzir e vender.

Imagem 4: capa da revista Marie Claire Brasil novembro de 2017.



Fonte: <https://revistamarieclaire.globo.com/Beleza/noticia/2017/10/conte-i-para-minha-mae-que-era-gay-aos-15-e-nem-surpresa-ela-ficou-conta-pablo-vittar.html>, Acesso 25/11/2017

A indústria cultural, conforme Adorno (1985) é um sistema que transforma a cultura em mercadoria, e estabelece como dinâmica a repetição de lógicas mercadológicas que deram certo, e dessa forma, acaba tendo um baixo movimento de inovação. No entanto, o próprio capitalismo em sua relação com o mercado, atinge índices de saturação que obriga as empresas a investirem em inovação e novas estratégias para o lançamento de seus produtos. Acreditamos que Pablo Vittar responde a essa prerrogativa de trazer elementos de uma nova estética, sem contudo, romper totalmente – drag-barbie, responde aos apelos visuais de consumo, atraindo as empresas e organizações ávidas por novos personagens-veículos de acesso a um imaginário que dê vazão e fluxo à mercadorias. Assim, concluímos que não se trata apenas de cultura, mas também de comércio e lucro. A indústria cultural funciona segundo Adorno, de forma sistêmica, onde os veículos se correspondem e redundam as informações, fazendo com que certos mecanismos – um novo ídolo, por exemplo -, se faça não apenas necessário, mas sobretudo, afirmado dentro do sistema. Não seria esse o caso de Vittar, onde tantas marcas passam a interessar-se e repetir o padrão drag-barbie? Dentro desse movimento, temos mais uma capa de revista legitimando o padrão drag de Vittar. A revista Rolling Stone Brasil, reforça a imagem, tendo como mote, evidentemente, o lugar como cantora, no entanto, ressalta o conjunto, o indivíduo que traz como diferencial, o ser drag. Como ação política ou comercial, ambas geram um processo que no horizonte reflete não apenas a necessidade de reconhecimento de cidadania, mas a construção de um aparelhamento simbólico mais afeito a um mundo inclusivo e menos violento.

Imagem 5: capa da revista Rolling Stone Brasil, Janeiro de 2018.



Fonte: <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-137/pablo-vittar-capa-no-vicio-da-batida#imagem0> Acesso 27/01/2018

## Considerações finais

Neste artigo questionou-se o processo de empoderamento trans por conta de uma nova ordem de feminismo, mais aberto e flexível, incluindo o universo das mulheres trans e das drags. Buscou-se através de um olhar sobre o Funk e o Pop musical brasileiros, personagens, ídolos que trazem a dimensão queer, diga-se, a multiplicidade e a perspectiva da inclusão. E dentro deste contexto, especialmente as cantoras Anitta e Pablo Vittar são representantes de um discurso de abertura para uma perspectiva de *campo fluido do feminino*. Assim, inicialmente com uma recuperação do movimento feminista e das problemáticas em torno dos devires minoritários, buscou-se constituir um corpus teórico com referências em Deleuze, Foucault, Guattari e Rolnik, afim de desenvolver a noção de devir-mulher e micropolíticas, buscando ressaltar a dimensão ontopolítica de ações culturais tais como o funk e pop, além da expressão discursiva nas mídias. O empoderamento feminino após forte retração ao longo do governo Temer (2016-2018), e atualmente com o governo de extrema-direita instituído, passa a difundir-se por outros meios, entre eles,

as produções culturais. É nesse movimento que a visibilidade trans ganha maior espaço e passa a integrar o movimento feminista, doravante com questionamentos do que é ser mulher, tendo em vista que o conceito mulher e o campo do feminino passam a ser percebidos como produções culturais e não meramente biológicas. Dessa forma, afim de refletir sobre e ilustrar esse processo, realizamos uma análise discursiva acerca de capas de revista que expressaram ao longo de 2017 e 2018 personalidades queer. Por fim, este estudo nos permitiu questionar o feminismo enquanto processo, atualizando o movimento em uma perspectiva ontopolítica, incluindo no seu contexto o conteúdo relativo às lutas por visibilidade e construção de cidadania do universo trans-queer.

## Referências

- ALBORNOZ, Suzana. **Política e vocação brasileira: leituras transdisciplinares**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- De SÁ, Simone. **Funk carioca: música eletrônica popular brasileira?**. Revista E-compós, v. 10, p. 1-12, setembro- dezembro, 2007.
- CARDOZO, Hélio. **Ontopolítica e diagramas históricos do poder: maioria e minoria segundo Deleuze e a teoria das multidões segundo Pierce**. Vertias, Porto Alegre, v. 57, n. 1, jan-abr, 2012, p. 153-179.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- GUATTARI, Félix. **Revolução molecular. Pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Editora Brasilense, 1981.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 2014.

GUATTARI, Félix.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LLACQUA, Angélica. **Anita: o livro das poderosas**. São Paulo: Universo dos livros, 2017.

PARODE, Fabio; ZAPATA, Maximiliano. **Ontologia do design de moda: Édipo e Anti-édipo, entre McQueen e Farani**. Veritas. Porto Alegre, v. 62, n. 3, set-dez. 2017, p. 934-948.

ROLNIK, Suely. **Revolução molecular. Pulsões políticas do desejo**. São Paulo: Editora Brasileira, 1985, pp. 7-10.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ZAPATA, Maximiliano, De OLIVEIRA, Nythamar, **Design de moda e cultura queer: o devir-drag como expressão de gênero**. Revista D. Design, Educação, Sociedade e Sustentabilidade. Porto Alegre, v. 9, n. 2 p. 80-91, 2017.